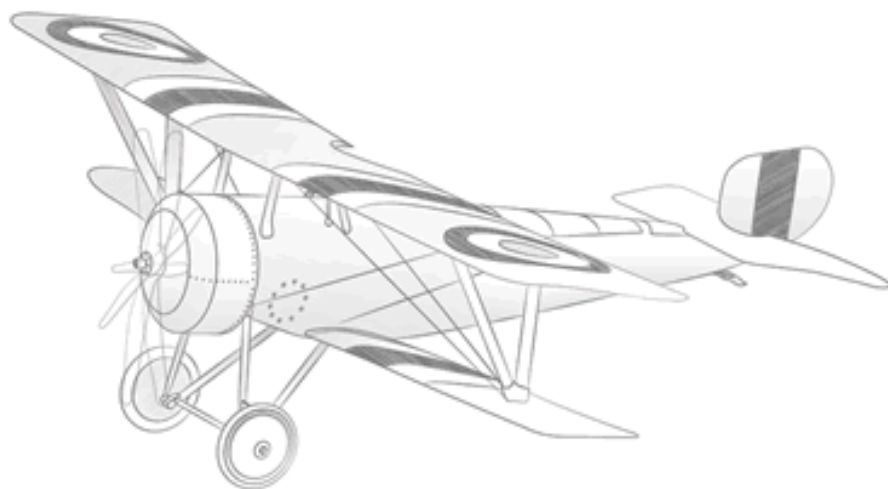


Versos de uma alma poetica

Similton Fidelino Bambo



Apresentado por

Meu Lado Poético 

DedicatÃ³ria

Dedico estes poemas a mim e ao meu coração.

Aos que caminham descalços sobre espinhos invisíveis,

aos que choram em silêncio para não acordar o mundo,

e aos que ainda acreditam que a palavra é uma ponte

sobre o abismo.

Dedico estes poemas

aos que ardem por dentro

e transformam incêndio em estrela.

Se alguma linha aqui te tocar,

é porque já moravas nela.

Agradecimentos

Agradeço a mim.

À minha teimosia que não me deixou desistir quando a página parecia deserto.

À minha coragem de sangrar em palavras sem pedir licença ao medo.

À minha disciplina invisível, que escreveu mesmo nos dias em que o mundo pesava nos ombros.

Agradeço ao silêncio que suportei,

às dúvidas que atravessei,

e à fé que inventei quando já não havia mapa.

Se estes poemas respiram,

é porque eu insisti em respirar primeiro.

Assinado,

o autor que caiu, levantou

e decidiu escrever.

Sobre o autor

Sou casa em construção feita de tempestades que
aprendi a domesticar.

O autor não escreve para ser lido.

Escreve para não desaparecer.

Ele é pedreiro de silêncios,

escultor de feridas,

contrabandista de sentimentos que atravessam
fronteiras invisíveis.

O autor é aquele que sangra tinta
e chama isso de página.

resumo

Sol a peneira

São tantos

Antes que chegue ao fim

Mães que são Mães

Primeiro poema

Chama minha calvície de sabedoria

Talvez nunca volte a me amar

Jogos de azar rapaz

Paz não se finge e guerra não se esconde

Vamos falar da prostituição

Pau na mesa

Sol a peneira

Tua pele cheira a sol de Inhambane,
mistura de suor com maré cheia,
teus beijos têm gosto de matapa quente
e teus gemidos, o som de uma marrabenta feia.
Te encontrei entre os lençóis da caniço,
onde o mosquito parou só pra ver,
teu corpo dançava como quem reza,
com a anca a prometer o prazer.
Mãos tuas ? marfim que me enlouquece,
deslizam como rio sobre meu chão,
me lambes o peito com língua de fogo,
e chamas meu nome com fome e paixão.
És mulher de marrabenta no quadril,
de maxixe na língua, de fogo no olhar.
Me possuis como se fosses feitiço,
e eu, um tolo, sem querer escapar.
Na palhota, o barulho do prazer ecoa,
mais forte que batuque em noite de luar,
os lençóis suam tua essência boa,
que nem banho de rio vai me lavar.
E quando a manhã nos encontra cansados,
nus, com cheiro de sexo no ar,
sorrisos como quem roubou o mundo,
sem pedir desculpa, sem precisar falar

Similton Fidelino Bambo

São tantos

São tantos homens que se escondem na fachada,
Fingindo ser valentes, mas a alma é marcada.

Crianças perdidas, sem saber onde ir,
Buscando um amor que não consegue sentir. u
Muito itas mulheres, em busca de um lar,
Vendendo seus sonhos, sem medo de amar.

Entrando em esquinas, à procura de um jeito,
Trocam sua essência por um tempo perfeito.

A vida é um jogo, com peças tão frias,
E a dor no coração vaza em suas agonias.

Sapatos caros, mas o preço é cruel,
Lutam por um trocado em um mundo tão fel.

A esperança se esconde em sorrisos forçados,
Enquanto a verdade está em corações machucados.

São tantos rostos, cada um com seu peso,
Carregando segredos, vivendo o mesmo enredo.

Mas no meio da sombra, brilha uma luz,
Fé na transformação, que dá voz à sua Cruz.

Que as almas aflitas possam encontrar paz,
Num mundo onde amar é o que se faz.

Antes que chegue ao fim

Antes que chegue ao fim, aproveite, aproveita,
a luz do sol que toca a pele,
o aroma do café fresco,
o som das risadas ecoando nas paredes,
cada dia um presente,
um convite para viver.

Quando as folhas dançam ao vento,
e as cores se misturam no crepúsculo,
pare e respire,
sinta a vida pulsar,
ainda há tempo para a beleza,
antes que o dia se esconda atrás da montanha.

As horas passam como água,
escorregadias, rápidas,
mas cada instante é uma pérola,
uma chance de descobrir a doçura,
o brilho escondido nos pequenos detalhes,
uma conversa à mesa,
um abraço sincero,
o calor de mãos entrelaçadas.

Aproveite os caminhos da incerteza,
as curvas que levam a novos horizontes,
aquelas estradas que não se sabe onde vão dar,
pois nelas residem as histórias não contadas,
as risadas compartilhadas,
o sabor de algo fresco,
uma doce surpresa.

E quando a chuva cai,
quando as nuvens cobrem o céu,

não se deixe apagar pelo cinza,
dançando em poças,
celebrando cada gota,
a natureza se renova,
ensina que em cada fim pode haver um começo.

Antes que chegue ao fim,
aproveite as palavras não ditas,
as canções que embalam o coração,
as memórias que ficam na memória,
um olhar profundo,
uma promessa de um amanhã radiante.

Às vezes, só precisamos parar,
deixar o tempo escorregar pelas mãos,
desfrutar do silêncio que fala,
da calma que cura,
e da esperança que reluz,
como estrelas numa noite tranquila.

Aqui neste espaço,
neste momento fugaz,
cultive a alegria,
cultive as risadas,
um sorriso é uma semente,
plante-a em cada encontro,
deixe crescer a generosidade.

Antes que chegue ao fim,
deixe-se levar,
aproveite, aproveita,
porque a vida é um carnaval,
cheio de pétalas e risos,
um espetáculo único,
incrível e efêmero,
em que cada ato é um milagre.

Por isso, celebre o agora,
dance sob a chuva,
sorria para os estranhos,
abraça as memórias vivas,
antes que chegue ao fim,
aproveite, aproveita,
pois cada instante é um eco
do que significa estar verdadeiramente vivo.

Mães que são Mães

Mãe que é mãe não abandona o filho,
na sombra do amor, onde se tece a vida,
não é apenas o corpo que gestou,
mas o coração,
que se entrega, que se molda,
que abraça a alma que clama por abrigo.

É mais que a espera,
mais que os meses contados,
é a coragem de se fazer presente,
na queda e na ascensão,
nas risadas e nas lágrimas,
nos passos vacilantes,
quando tudo parece escuro e sozinho.

Ser mãe é ser porto seguro,
é escutar os lamentos e os sussurros,
é acolher os sonhos e os medos,
é alimentar a esperança
com cada olhar carinho,
cada gesto de ternura,
cada palavra que acalma,
como se fosse um canto de ninar,
como se fosse um chamamento,
uma promessa, um laço.

Aquele que sai de dentro,
não é apenas um fruto do ventre,
mas um pedacinho de eternidade,
que respira, que grita, que sente,
que se torna tudo
que não se pode definir.

A gestação termina no parto,
mas a maternidade
se renova a cada instante.
É um compromisso silencioso,
um pacto de amor,
mesmo quando os dias se tornam pesados
e as noites longas.

Ser mãe é ser guerreira,
é lutar contra tempestades,
é ter fé
quando o mundo parece desabar.
É buscar luz
nos olhares inocentes,
dar sentido ao caos,
uma plenitude que não se esgota.

E mesmo quando as estradas
são tortuosas e cheias de pedras,
o laço não se rompe,
não é solto pelo medo ou pela dor,
mas se fortalece na imperfeição,
na aceitação do que se é,
e do que se pode se tornará.

A maternidade é dosada,
um ato de entrega infinita,
não há comparação
com a experiência de acolher,
de compreender mal entendidos,
de perdoar,
de ser fonte de amor,
mesmo na adversidade.

Mãe que é mãe não abandona,
mesmo quando os braços cansam,

mesmo quando o olhar se turva,
ela encontra forças nas pequenas vitórias,
nas risadas partilhadas,
nos abraços que curam.

É um amor que não conhece fim,
uma jornada que se estende
para além do tempo e do espaço.
Todos os dias, renasce,
em cada sorriso, em cada passo,
em cada batida do coração,
porque ser mãe é viver,
é respirar,
é cultivar a vida,
e manter a chama acesa,
para que nunca se sinta só,
para que jamais se esqueça,
que em cada ato,
em cada gesto,
existe a certeza:
mãe que é mãe,
mãe para sempre.

Primeiro poema

Ninguém fala da sensação de escrever o primeiro poema
como se a voz do coração estivesse escondida,
na penumbra de um caderno em branco,
esperando o momento certo de emergir.

É um frio na barriga,
um balanço entre o medo e a esperança,
quando a caneta toca o papel,
e cada letra é um passo tímido,
um sussurro de alma,
um acorde que ecoa na solidão.

O mundo lá fora parece distante,
as horas se desfazem em sombras,
e o pensamento flutua,
como folhas no vento de outono,
enquanto palavras se alinham,
em busca de significado,
como estrelas que piscam no céu noturno.

Ninguém fala do cheiro da tinta,
do suaves toques que dançam pela página,
da luz que brilha nos olhos,
quando as frases se tornam liberdade,
e a certeza se transforma em emoção,
nascendo do profundo.

Cada verso é um segredo,
escondido entre as linhas,
um espelho que reflete
o que não se diz em voz alta,
a fragilidade e a força,
todo o peso de existir,

suspenso entre um ponto e outro.

Os medos se desvanecem,
cada rascunho é uma tentativa,
um grito mudo para o universo,
um convite ao sentir,
e na simplicidade de cada aliteração,
uma sinfonia se forma,
pois o que é poesia senão a vida?

E então, ao final da página,
surge a revelação,
como um bebê recém-nascido,
seu primeiro choro,
um uivo na noite silenciosa,
um desejo manifesto de ser ouvido,
de ser sentido,
de tocar o coração de quem lê.

Ninguém fala da sensação
de pôr para fora um pedaço do próprio ser,
um ato de coragem,
um salto no vazio,
mas na verdade,
é um abraço entre o autor e o desconhecido,
uma dança de luz e sombra,
o princípio de tudo
no instante em que a caneta
deixa sua marca no mundo.

Chama minha calvície de sabedoria

Chama minha calvície de sabedoria,
é o sol que brilha no horizonte,
cada fio que se foi,
uma história que se conta,
nas rugas do tempo,
nos risos compartilhados,
nas lágrimas vertidas.

Meus pensamentos dançam
como folhas ao vento,
livres e soltos,
sem a amarra dos cabelos,
sinto a brisa em meu couro cabeludo,
um lembrete suave
de que a beleza é mais do que o cabelo.

Descubro um novo eu
nesta pele exposta,
este novo modo de ser,
um renascimento silencioso,
onde as memórias
são a vestimenta do espírito,
e não as madeixas que caem.

Na calvície, vejo a luz
que revela o que realmente importa,
um convite à reflexão,
um chamado à autenticidade,
onde o riso se torna meu quimono,
e a sabedoria se torna meu manto.

As mãos que um dia
brincaram de pentear sonhos,

agora acariciam a liberdade,
no espelho, uma face serena,
um olhar que não se esconde,
pois cada marca é um fragmento
da jornada vivida.

Os olhares que buscam
o que é convencional,
perdem-se na superficialidade
de fios e penteados,
mas eu encontro
um eco de transformação
nesta clareza que agora exhibo.

Chama minha calvície de sabedoria,
e eu vou sorrir,
abrindo as portas da aceitação,
construindo castelos
com as pedras do passado,
encontrando fortaleza
na vulnerabilidade.

Não há vergonha nas ausências,
apenas espaço para o ser,
onde a alma dança livre,
como um pássaro que se atira
na correnteza do céu,
sem medo da queda,
sem receio do amanhã.

Na simplicidade do que sou,
aprecio a beleza que floresce,
a consciência tranquila,
a paz que reside em cada ruga,
um mapa de experiências,
de amores e despedidas,

de risadas que ecoam na eternidade.

Chama minha calvície de sabedoria,
e eu acolho essa verdade,
como um amigo que se apresenta,
sem máscaras ou enfeites,
só eu,
neste vasto universo de humanidade,
celebrando a vida,
cada dia,
com um coração nu,
mas repleto de luz.

Talvez nunca volte a me amar

Talvez nunca volte a me amar,
como folhas secas que dançam ao vento,
flores que murcham no calor do verão,
ou como as estrelas que se apagam
na luz do amanhecer.

E eu, aqui,
perdido entre memórias,
nos ecos de risos compartilhados,
nos encontros que pareciam eternos,
ainda guardo teu sorriso
como um tesouro,
mas o tempo,
esse ladrão silencioso,
rouba as cores das fotografias.

Olho para o horizonte,
onde o sol se despede,
esperando que ele traga algo novo,
mas o medo se acomoda,
como um velho amigo,
e me sussurra que os sonhos
são só sombras
de um passado dourado.

Talvez nunca volte a me amar,
e se assim for,
que eu aprenda a viver
nos espaços vazios,
onde o eco da tua presença
se mistura com o silêncio,
e a saudade se transforma
num carinho triste.

As ondas do mar,
que vêm e vão,
parecem me lembrar
que tudo é passageiro,
e mesmo assim,
teu nome ainda dança nos meus lábios,
como uma canção esquecida
neste arquivo do coração.

Mas, se um dia as nuvens se desfaçam,
e a luz da lua ilumine
meus caminhos solitários,
que eu encontre consolo nas estrelas,
na beleza do efêmero,
e que a vida me ensine
a amar de novo,
mesmo que não seja a ti.

Talvez nunca voltes a me amar,
mas em cada amanhecer,
em cada despedida,
aprenderei a amar o que fui,
o que somos,
e o que ainda podemos ser
dentro da nossa distância.

E se um dia, em um sonho,
nossos olhares se cruzarem,
saberemos que guardamos
um pedaço um do outro,
como um fragmento de luz,
na eternidade das lembranças.

Jogos de azar rapaz

Aviator, não é um jogo,
é uma armadilha,
um labirinto de luzes piscando,
um chamado sedutor
entre os sussurros de promessas não cumpridas.

Sentado na borda desse abismo,
os dedos deslizam pelo painel,
cada botão, uma nova expectativa,
cada giro da roda, um bate-corção,
transformando a esperança em um grito silencioso.
Te viciar,
te iludir,
te esvaziar,
cada metical que tu perdas,
é lucro para o que nunca foi e nunca será.
Um troféu nas mãos de um algoz invisível,
diante do altar da ganância.

Um segundo da tua vida perdida,
cada aposta um sonho desfeito,
encadeando um ciclo,
um ciclo que nunca satisfaz,
como areia que escapa entre os dedos.

Olhares ao redor, olhos perdidos,
como barcos à deriva,
todos lá, buscando a sorte,
mas encontrando apenas sombras
onde havia luz.

Os risos se tornam nada,
as conversas amassadas em papéis,

promissórias de um dia melhor
que nunca chega, que nunca chega.

E as horas se desenrolam,
como um filme repetido.
Teus desejos se transformam em moedas,
cada giro outro traço na tela da tua história,
uma narrativa escrita com o tintim do fracasso.

Oh, como é doce a ilusão,
outra rodada, outra chance,
o coração bate rápido,
mas o destino está selado,
como um livro cuja última página
já foi escrita antes mesmo do começo.

Aviator, não é um jogo,
é um labirinto,
uma dança com o inefável,
te colocando no centro do palco,
mas as luzes estão em outra parte,
brilhando para quem nunca vai.

Perceba, amigo,
tua vida é mais do que fichas,
mais do que apostas silenciosas,
é o abraço de quem te ama,
é a risada em um dia ensolarado,
é o coração que pulsa
sem estar preso a essa ilusão.

Corta as cordas,
sai desse vórtice,
deixe a armadilha para trás,
porque ser livre é o verdadeiro prêmio,
e o tempo é o bem mais precioso

que nunca deve ser jogado ao vento.

Paz não se finge e guerra não se esconde

A paz não se finge,
não veste a máscara
de sorrisos forçados
em reuniões vazias,
não se encontra
em discursos eloquentes
que lançam o silêncio
da injustiça.

A guerra não se esconde,
não se camufla
sob o manto da diplomacia,
não se dilui
em números frios
de acordos assinados,
mas incumpridos.

A paz reside
no respeito mútuo,
na escuta atenta,
na partilha sincera,
na construção
de pontes sólidas
sobre abismos de ódio.

A guerra se manifesta
no grito do oprimido,
na lágrima da criança,
na fome que assola,
na sede de vingança,
na devastação da terra,
no sangue derramado.

A paz é semente
que germina
em solo fértil
de compreensão,
de igualdade,
de fraternidade.

A guerra é praga
que se alastra
em corações endurecidos,
em mentes obscurecidas,
em sistemas corruptos.

A paz é luta constante,
vigilância atenta,
compromisso diário.

A guerra é a sombra
que espreita,
a tentação fácil,
o atalho perigoso.
A paz não se finge.
A guerra não se esconde.
A escolha é nossa.
Sempre.

Vamos falar da prostituição

Vamos falar da prostituição, rapariga,
sem véus, sem julgamentos fáceis,
olhos nos olhos, a verdade crua.

Corpos à venda,
pedaços de alma expostos,
num mercado de desejos e solidão.

As ruas frias,
a noite escura,
o medo constante,
a esperança silenciosa.

Quem as vê?
Quem se importa?
Além dos clientes,
além da polícia,
além do asfalto.

Histórias marcadas
na pele, no olhar,
vidas roubadas,
sonhos desfeitos.

Vamos falar,
não para julgar,
mas para entender,
para acolher,
para mudar.
A prostituição,
um espelho da sociedade,
que reflete a desigualdade,
a exploração,
a falta de oportunidades.

Rapariga,
não és só um corpo,
és uma história,
uma luta,
uma esperança.

Vamos falar,
para romper o silêncio,
para dar voz,
para construir um f
uturo
onde a dignidade não seja mercadoria.

Pau na mesa

"O Pastor da Cama"

Era um homem mulherengo, currículo vasto,
lendas urbanas com o nome dele.

Só que o pênis resolveu virar crítico cultural.

Chegou a hora, luz baixa, expectativa alta,
e ele ali... sindicalizado, cruzando os braços invisíveis.

Ele solta com sorriso de vendedor cansado:

"Calma... brinca com ele que já levanta."

O protagonista virou filósofo flácido,
um protesto mole contra o espetáculo.

No fim, só restou a ironia:

o maior mulherengo da sala derrotado pelo próprio pau.